Olá! Eu sou David. Ou não?
Do que eu falo?
Quando eu ainda não tinha nascido, minha mãe quis só, talvez, me dar e nome “Valentino” porque ainda não sabia se eu ia nascer em 14 do fevereiro. Não é uma estória com muito para falar. Não tem muita substância.

Quando eu estive no sétimo grau, com doze ou treze anos da idade, eu jogava Yu-Gi-OH, com um amigo, Arnold. Eu ganhei, e ele ficou bravo.

Mais contos. Quando eu tinha catorze anos, minha escola fez uma prova, um relatório dos estudantes. Tinha perguntas como “Você toma drogas, você toma cola?” Eu era um menino muito inocente e perguntei a um professor “Eu nunca tomei cola, mas eu gosto de farejar Sharpies, isso conta ou não?”

Mais. Outro conto. Eu tive um tablete “Kindle Fire”. Eu jogava Minecraft duplicata, no sentido do que também foi um jogo dos blocos do um aparelho. “SurvivalCraft” se me lembro bem. Era bem. Era um bom jogo. Também jogava com os irados pássaros e seus suínos verdes. Eu compartilhava o Kindle Fire com minha irmã.

Eu viajo regularmente a Mexico. O verão passado eu escavei alguns furos para umas árvores de fruta. Eu me sentei junto a uma casa/loja pequena, vermelha. Eles tinham Wi-Fi. Eu requero Wi-Fi. Ouvi do tiro da orelha do Trump em México somente por Wi-Fi. Eu estive no México rural, Mexico agrário, Mexico físico. As serras sobem e descem. Não podia encontrar essa informação sem o Wi-Fi.

David Gomez, Port 202

Quando eu morava na Venezuela, praticava flamenco por cinco anos. Eu tinha mais ou menos doze anos quando comecei e essa foi uma das melhores fases da minha vida. Eu dançava três vezes por semana depois da escola e a aula de flamenco era sempre a parte mais divertida e empoderadora do meu dia. A música, os movimentos fortes e a energia da dança me faziam sentir confiante e viva.

Foi durante essas aulas que conheci minha melhor amiga, que hoje mora em Paris. Nós sempre dançávamos lado a lado e, com o tempo, nossa amizade cresceu muito. Nós rimos, practicavamos os passos juntas e até participamos de varias apresentações no teatro da cidade. Eu me sentia parte de algo especial.

Mesmo depois de tantos anos e de ter me mudado para os Estados Unidos, nunca esqueci aquela época. Tenho muitas memórias boas e sinto muita saudade. Recentemente, descobri uma escola em Milwaukee que oferece aulas de flamenco para adultos, e estou muito animada para voltar a dançar. Será uma forma linda de me reconectar com aquela parte da minha juventude que foi tão especial para mim. Estou ansiosa para sentir de novo aquela energia do flamenco e talvez até fazer novas amizades, como antes.

Marcia Pina, Port 202

Eu sempre gostava de caminhar lá fora. Então, quando eu tinha dez anos, encontrei um caminho escondido perto da casa dos meus pais. Nesse caminho havia flores, insetos, e animais que eu admirava. Também havia um rio, no qual havia peixes pequenos. Eu gostava de estar lá, era um caminho muito tranquilo e belo. Um dia, eu quis explorar um pouco. Eu caminhei e caminhei até que encontrei uma árvore um pouco estranho. Como sou baixa, aprendi a escalar muitas coisas. Então, eu subi na árvore. Na árvore tinha uma boa vista. Podia ver os pássaros, as borboletas, os patos, e muitas outras coisas belas. Eu não queria descer, estava muito feliz lá. Mas logo, isso era meu problema.

Na verdade, tive muitos problemas naquele dia. Meu primeiro problema foi que eu não pude baixar porque havia subido muito alto, olhei para baixo e tinha muito medo. Normalmente, eu escalava as árvores até onde me sentisse mais confortável porque tenho medo de alturas! Mas aparentemente, naquele dia me senti valente. Meu segundo problema foi que meu celular não estava mais carregado. Eu não pude chamar meus pais! Ou meus irmãos! Tinha muito medo. Os problemas não terminam aí, o sol estava baixando e tinha fome. Naquele dia, minha irmã mais velha estava cuidado de mim, eu escapei e ela me perseguiu. Ela sabia que eu não podia baixar e estava rindo de mim. Eu não sabia que ela estava lá até que ouvi sua risada. Ela me fez descer sozinha e nunca escalei árvores outra vez.

Raquel Quevedo, Port 202

Antigamente na minha juventude, eu sempre andava à festa de quatro de julho no bairro com minha irmã. As festas eram em um parque e sempre tinha as brincadeiras, comida e coisas divertidas para fazer. Um ano, a menina no meu bairro queria vir com minha irmã e eu. Meu pai e seus pais disseram que sim, mas minha irmã mais velha teve que nos acompanhar porque eu tinha sete anos e a minha amiga tinha oito anos. Assim, minha irmã, ela, e eu nos preparamos para a festa. Eu comprei os fogos de artifício com minha mãe para nós e também a mãe dela comprou as camisas com as cores vermelho, branco e azul. Nós vestimos e começamos nossa caminhada de vinte minutos até o parque. Ela andou de bicicleta lentamente, mas minha irmã e eu decidimos caminhar. Também, eu pensei que foi uma boa ideia caminhar na vala perto da estrada. Quando eu estava andando na vala, eu tropecei e eu bati minha perna na esquina do concreto. Minha irmã e vizinha corriam para mim. Enquanto estava sangrando, eu chorei e minha perna inchou. Porque nós estávamos perto do parque, minha vizinha correu para buscar por ajuda, enquanto minha irmã esteve comigo. Minha irmã pôs a blusa para o meu corte, então um adulto veio com um curativo. No final, todos nós gostamos da festa, mas meus pais estavam furiosos. Mas agora, posso olhar para a cicatriz na minha perna para me lembrar no dia com minha irmã e a vizinha.

Savannah Rasmussen, Port 202

Oi, hoje eu vou a falar sobre minha infância. Eu nasci em Nova York e morei em Brooklyn por dez anos. Durante os dez anos, eu fiz muitos amigos, mas agora eu não falo com eles. Meu primo morava umas ruas distantes, mas fomos à mesma escola. Tristemente, eu não lembro muito de meu passado, mas não esqueci de uma má piada que fiz na escola. No meu terceiro ano da escola primária eu encontrei um alfinete no chão da sala de aula porque tinha caído da parede de anúncios. Ao meu lado estava um menino e ao lado dele estava minha amiga que viu que eu peguei o alfinete. Eu estava entediada e decidi colocar o alfinete na cadeira do menino (porque ele não estava sentado) como uma “piada” porque eu não tinha intenção de deixar o alfinete aí.

No momento, minha amiga começou a me pressionar para deixá-lo na cadeira e eu decidi seguir sua sugestão; má ideia. Depois de colocar o alfinete, o menino veio de a biblioteca e sentou-se na cadeira...quando depois ele gritou e começou a chorar. Eu não sabia o que fazer, eu fiquei chocada com minhas ações. Minha professora tentou acalmar a situação, mas o menino estava com dor insuportável. No final do dia, minha professora tinha que falar com minha mãe e eu pedi desculpas ao menino. Desde então, eu entendi que é melhor se eu não cair sob a pressão dos colegas e que tenho que estar ciente das pessoas que eu chamo amigos. Eu aprendi minha lição naquele dia.

Abigail Rosas, Port 202

Eu fui para Nova York e Nova Jersey com meu namorado Brian, durante as férias de primavera. Acordamos às 1:45 da manhã para poder chegar a O'hare e chegar a nosso avião. Chegamos ao aeroporto às 3:50 da manhã e nosso voo era às 6 da manhã. Tivemos tempo de tomar um café e nos sentar no nosso portão de embarque. O voo durou uma hora e meia. Pousamos em Nova Jersey e pegamos um Uber para Nova York. Ficamos no apartamento do amigo do Brian. Estávamos cansados de estar acordados desde as 1h45, caminhamos 9 milhas por toda Nova York! Nós só vimos as principais partes de Nova York. Estávamos cansados no final do dia. No dia seguinte, fomos para Seaside Heights, Nova Jersey para ver a casa Jersey Shore, onde filmaram o famoso programa. Somos grandes fãs do show e conseguimos visitar a casa. Conseguimos conhecer Danny, o chefe do programa. Conseguimos tirar uma foto com ele! Ele era um cara muito legal como no show. No dia anterior voltamos para Nova York, fomos a um fliperama e jogamos muitos jogos. Nós ganhamos tantos prêmios. Tivemos que deixá-los no Airbnb porque eles não cabiam em nossas malas. No nosso último dia, voltamos para Nova York. Brian me levou ao maior Barnes and Noble do mundo porque eu adoro ler. Vimos o museu memorial do 9/11. Quase fomos enganados para gastar $50 para ver a estátua da liberdade. Mais tarde, vamos de volta para Chicago e esse foi o fim das minhas férias de primavera.

Fernanda Ruiz, Port 202

SE ENTÃO

Darele Pinto Bisquerra c2024

Se eu fosse ter sido fraca
Antes, quando era jovem mãe

Então vou tentar de novo
Para compreender-lhe e mais

Eu sinto o seu silêncio
E quero lhe consolar

Embora, desta distância
Eu abraço-lhe com ternura

E lembro os contos da fada
Lidos no seu quarto juvenil

Sua cara cheio da inocência
Duma vida ainda frágil

Mas agora você é adulto
Um ser forte e talentoso

Se eu fosse débil antes,
Lhe encorajo agora, meu leão

Literal Rough Translation

If i were to have been weak
Before, as a young mother

Then I'll try again
To understand you and more

I feel your silence
And I want to console you

In spite of distance
I hug you tenderly

And remember the nights of tales
Read in your youthful room

Your face full of innocence
Of a life still fragile

But now you're grown up
A strong and talented being

If I was weak before,
I encourage you now, my lion

Image credit: Sponchia, Pixabay. Academic, non-commercial usage.

SE TIVÉSSEMOS DANÇADO

Darele Pinto Bisquerra c2024

*Se tivéssemos dançado**
No brilho da alvorada
Se tivéssemos beijado
antes da leva da lua
Se tivéssemos movido
Sob os ramos que balançam

If we were to have danced
In the glisten of the dawn
If we were to have kissed
'fore the rising of the moon
If we were to have moved
'neath the gently swaying boughs

Perturbaria não, este sonho tão frágil
Then I'd not disturb this glowing fragile dream

Se você tivesse visto
Seus olhos refletindo
o verão cheia das estrelas
(e um prado com) e dos pirilampos
Se tivéssemos percebido (sentido)
A cintilaçinha (dos nossos dias)

If you were to have seen
How your eyes reflect the hues
Of a summer lit with stars
And a meadow filled with fireflies
If we were to have sensed
The brief flicker of our days

Perturbaria não, este sonho cauteloso
Then I'd not disturb this cautious silent dream

E as brasas no crepúsculo
Terão brilhado na noite cedo
O farfalhar das lembranças
Terá tremido sem medo
A estranheza da juventude
Terá se tornado em pó

And the embers in the twilight
Will have glimmered in the dusk
And the rustle of our memories
Will have tremored as they must
And the awkwardness of youth
Will have crumbled into dust

E não vou incomodar... A ilusão dessa miragem
So, I'll not pretend to stir... this illusion, this mirage

Nem tocar... este sonho tão solene
No, I dare not touch... this lovely solemn dream

**se fossemos ter dançado*

a andarilha

por darele pinto bisquerra

Ainda que ela andasse rapidamente, sua respiração não aumentou. Ela foi numa missão para encontrar a sua mente e não iria parar até encontrada.

O ar do dia foi claro e fresco nas suas narinas dela. A humidade do fim de verão estava diminuindo, mas a temperatura não chamou por um suéter. A luz do sol era brilhante, quase a cor amarela, formando as sombras fortes e angulares dos novos edifícios enormes sob as velhas ruas quebradas.

Depois dos minutos de sair da porta, ela percebeu como se os sons dos carros, dos ónibus e dos taxis se juntassem num coro metal das maquinas rodadas.

Em todas as direções, havia uma correria nas ruas cheias das pessoas apressadas, cada uma com a intenção da sua própria destinação específica. Alguns estavam indo pro parque, outros pro museu, ou talvez para ficar em um café ou pra casa duns caros amigos não vistos há muito tempo. Poucas quem criavam espaço em suas cabeças, porque trabalhavam pelas semanas intensas, se moviam mais devagar que as outras, olhando para cima ao céu cor cerúlea com mais frequência.

Ela se tornou mais atentiva ao murmúrio da cena. Seus sensos despertaram, alertos aos detalhes. Parecia como se ela estivesse dentro dum gigante organismo vivo feito das coisas em movimento ao redor dela, mas que tinha o potencial de consumir tudo num instante.

As cores da rua se refletiam as culturas do mundo, dos povos que tinham migrado das situações inimagináveis.

Enquanto ela continua pruma rua concreta orientada ao este, veia uma padaria vendendo pasteis de nata de Portugal e na janela haviam cortinas do mesmo tom de violeta que uma mantilha da cantadora do fado, Amalia Rodrigues.

Então, ao virar uma esquina para tomar um atalho para o sul, ela encontrou uma árvore pequeninha de Guiana francesa com folhas de oro, a Sinnamary, crescendo num beco cinza entre as pedras velhas. Apesar da escuridão e o bebendo a água de pureza questionável, a planta estava maturando com uma dignidade quieta no meio do barulho da floresta urbana.

Em uma abertura luminosa a uma avenida angulada, o cheiro da sopa Pho do Vietnã emanava duma fachada humilde no Sudoeste, pintada de verde claro, mas desbotada por demais raios (muitos raios) da tarde. A combinação do caldo, especiarias, cebolas e muitas vegetais sem nomes estava encantando o seu espírito. Dentro, uma gigante muralha ilustrou pássaros elegantes – garças brancas na água vadeando na linha da costa quente do Mekong delta com os pescadores, enquanto os aldeões esperavam na terra pela captura do dia.

Ao longe, um caminho curvo que conduzia a sudeste tinha sido fechado para uma festa. Na calçada, cestos de palha colorida fluíam duma loja que vendia obras do Senegal. Ziguezagues de bronze, laranja e azul-turquesa dançavam entre tecidos arrojados impressos à mão em castanho, preto e bege. A dona, que usava grandes brincos redondos feitos de contas de vidro, deu-lhe um sorriso rápido enquanto ela se movia maravilhada entre as interessantes formas e padrões tecidos.

Do Oeste, ouviam-se melodias de um quarto-tom e pulsações quase-triplas dos desertos da Argélia. Sapatos de couro com desenhos feitos à mão estavam empilhados ordenadamente num pano castanho colocado sobre um suporte cor de camelo. Tapetes construídos com lã de ovelha profundamente tingida mostravam histórias de noites azuis à meia-noite, sob palmeiras pontiagudas e uma lua crescente cremosa. Ela olhou, sem chamar atenção, para as mãos gastas de artesãos experientes descansando nesta hora honesta de restauro.

Neste dia especial, ela tinha colocado na sua roupa preferida, um vestido das listras vermelhas e brancas. Isso sempre a faria pensar no seu avô que trazia cerejas cor do rubi do seu jardim no Japão embora que a sua avó coletasse as brancas flores nativas. Frequentemente, ela tinha boa fortuna com este vestido, esta porção duma tela, que parecia como a bandeira dos estados divididos. Mas, ela entendia que a proteção dela foi levada pelos séculos de sentimento dos anciãos da família da ilha japonesa.

Ao aproximar-se de um cruzamento principal ao norte, um restaurante Grego chamado Sigma Σ exibia o seu grande símbolo numa sena (cena) que era difícil de perder. De repente, tornou-se óbvio para ela que tinha caminhado num reflexo desta configuração exata - sul, este, sudoeste, sudeste, oeste e norte - e que quase a tinha levado de volta à sua própria porta de entrada. Ela refletiu sobre o símbolo que representava um resumo das partes enquanto mais alguma coisa começava a emergir.

Ela mal se lembrava que tinha perdido algo de muito valor, e agora não podia imaginar o que tinha sido. Ela tinha esquecido sua razão, mas estava revigorada nos seus sentimentos. A tapeçaria da cidade animada reviveu-a como um elixir vibrante aromático. Qualquer foi (Seja lá o que for) que ela tinha sido (estado) procurando já não importou, especialmente desde que a superfície da sua pele começou a formigar. Sua missão anterior tinha-se desvanecida da sua psique enquanto ela molhava-se nas tintas dos matizes urbanos durante esta tarde intrigante. Ela estava confortada pelos ritmos e gargalhadas que tremulavam na distância enquanto o sol ardente começava a descer abaixo do horizonte intricado comunal.

Ainda que ela houvesse perdido a sua mente, é provável que tivesse descoberto a sua alma.

the wanderess

por darele pinto bisquerra

Even though she moved quickly, her breathing didn't increase. She was on a mission to find her mind and she was not going to stop until it was found.

The day's air was clear and fresh in her nostrils. The humidity of the late summer was diminishing, but the temperature did not call for a sweater. The light of the sun was brilliant, almost yellow in color, forming strong, angular shadows from the enormous new buildings onto the old cracked streets.

Withing minutes of stepping out the door, she noticed how the sound of the cars, buses and taxis joined in a metal chorus of wheeled machines.

In all directions, there was a rush in the streets filled with people hurrying, each one intent on their own specific destination. Some were going to the park, others to the museum, or maybe to find a coffee shop, or to the house of dear friends not seen in a long time. A few who were clearing their heads from intense weeks working in the city moved more slowly, looking up at the cerulean blue sky more often.

She became more attentive to the murmur of the scene. Her senses awoke, alert to details. It seemed as if she was within a giant, living organism made up of every moving thing around her, yet that also had the potential to consume it all in an instant.

The colors of the street were reflecting cultures of the world, from people who had migrated from unimaginable situations.

As she continued on a concrete street facing east, she saw a bakery selling pastels de nata, custard tarts, from Portugal that had window curtains the same shade of violet as a mantilla once worn by the fado singer Amalia Rodrigues.

Then, upon turning a corner to take a shortcut south, she found a tiny tree from French Guiana with golden leaves, a Sinnamary, growing in an ashen alley between the old stones. In spite of the darkness and drinking water of questionable purity, the plant was maturing with a quiet dignity in the midst of the noise of the urban forest.

At a brighter opening to an angled avenue, the scent of Pho noodle soup from Vietnam emanated from a humble façade toward the southwest. It had been painted light green long ago but faded due to too many rays in the afternoon. The combination of broth, spices, onions and many unnamed vegetables was enchanting to her spirit. Inside, a giant mural illustrated elegant birds – white egrets – wading on the warm shore of the Mekong Delta with the fisherman, while the villagers waited on land for the catch of the day.

Further down, a curved lane leading southeast was closed off for a festival. Baskets on the sidewalk made of colorful straw flowed out from a storefront selling works from Senegal. Zigzags of tan, orange and teal danced between bold fabrics printed by hand in sharp brown, black and beige. The owner, wearing large round earrings made of glass beads, gave her a quick smile as she moved in wonder between the interesting woven forms and patterns.

From directly west could be heard quarter-tone melodies and quasi-triplet pulses from the deserts of Algeria. Leather shoes with designs tooled by hand were stacked neatly on a maroon cloth placed over a camel-colored stand. Carpets constructed from deeply dyed sheep wool showed stories of midnight blue evenings under spiked palm trees beneath a creamy crescent moon. She looked, without drawing attention, at the weathered hands of seasoned craftspeople resting during this honest hour of restoration.

On this special day, she had put on her favorite outfit, a dress with red and white stripes. This one always made her think about her grandfather that would bring out ruby-colored cherries from his garden in Japan while her grandma would collect the white native blossoms. Frequently, she would have good fortune with this dress, this piece of cloth, that resembled the flag of the divided states. But she was aware that her protection was derived from centuries of caring from her ancient island family tree.

As she approached a main intersection to the north, a Greek gyro stand called Sigma Σ displayed its large symbol that was hard to miss. It suddenly became obvious to her that she had walked in a reflection of this exact configuration – south, east, southwest, southeast, west and north – and it had almost led her back to her own front door. She pondered the symbol that represented a summary of parts while something more was beginning to emerge.

She barely remembered she had lost something very special, and now she could not imagine what it had been. She had forgotten her reason but was invigorated in her feelings. The tapestry of the thriving city revived her like a scented elixir. Whatever she had been seeking no longer mattered as even her skin surface began to tingle. Her previous mission had faded from her psyche as she soaked herself in the dyes of urban hues during this intriguing afternoon. She was comforted by the rhythms and laughter which tremored in the distance as the fiery sun began to set over the intricate communal horizon.

While she may have lost her mind, she had probably found her soul.

Darele Bisquerra

És Poesia

Quando sorris... procuras e elevas o olhar,
Quando inventas, amas, crias e recrias,
Quando cheiras e olhas, maravilhado, o mar
E vês mais além e queres te encontrar... és Poesia!

Quando as tuas mãos constroem caminhos,
Quando lutas, acreditas e derrubas barreiras,
Quando ajudas outros a não estarem sozinhos,
E para os teus sonhos destróis fronteiras... és Poesia!

Quando choras, seja de dor ou emoção,
Quando, com as coisas mais simples, te arrepias
Quando anseias e és gigante, alma e coração,
E então procuras o que não conhecias... és Poesia!

Quando te amas, acreditas, ages e lutas por ti,
Quando persegues o sonho no qual ninguém crê,
Quando os teus gestos e a tua voz ecoam aqui a ali,
E és empurrão, ajuda, mesmo quando não se vê... és Poesia!

Quando és obras, e cais, e te voltas a erguer,
Quando és força e fraqueza, felicidade e dor,
Quando nas tuas guerras aprendes com o perder,
Sabes, com certeza, o que é o amor... és Poesia!

E quando és palavra, canção, dança e luz,
E te fazes arte, arrepio, abraço e semente,
Quando o brilho das estrelas não te ofusca e te conduz
És inspiração, sonho, e ficas... eternamente...
... és Poesia!

Malvina Sousa

Pedro e Maria

Pedro e Maria eram dois irmãos, órfãos de mãe, viviam na aldeia do Mandanji1 com o pai, madrasta e as suas três filhas. A Maria passava o dia todo no campo, trabalhando na colheita, enquanto o irmão menor, Pedro, trabalhava arduamente na pastagem de gado. Em contrapartida, as filhas da madrasta não eram subcarregadas com trabalhos, mas os dois irmãos trabalhavam o dia todo só tinham direito a refeição uma vez por dia, e sem dias de folga.

Certa vez, o Pedro sonhou com a sua falecida mãe dizendo-lhe: - querido filho, tenho visto o teu sofrimento e isso deixa-me muito aflita, portanto, quando acordardes dirija-se ao rio luachimo e encontrarás uma pedra brilhante, por baixo daquela pedra, há lá kamanga2 muito valioso e que vale uma fortuna. - Compra casa, não te esqueças da tua irmã, saiam do convívio com o vosso pai. – Lembre-se apenas de uma coisa: - esta riqueza que terás, eu também precisarei de me alimentar. – Mas como é que te vais alimentar? Perguntou o Pedro. Sempre que vires um rato na tua casa, não o mate, significa que o meu espírito estará reencarnado na vida de um rato. – Não posso conviver convosco na mesma mesa como humana, ainda que um rato esteja a comer a sua roupa não tentes matá-lo. Advertiu mais uma a mãe. – Se isto acontecer serás um miserável de novo, a tua casa vai incendiar imediatamente e ninguém terá chances de sobreviver. A mãe advertiu-lhe várias vezes para não contar o seu sonho a mais ninguém, caso contrário, morrerá. – Deves contar apenas à tua irmã, mas depois de comprares a casa. O Pedro ressonava muito forte.

– Mãe, mãe…

Na manhã seguinte, o Pedro foi ao Luachimo3 e deparou-se com uma pedra grande e brilhante, levantou-a e encontrou pedras raras e preciosas, diamantes brilhantes, era um brilho da esperança. A partir daquele momento cumpriu com tudo o que a sua falecida mãe lhe orientara no sonho, comprou uma grande vivenda na cidade do Dundo, sumiram de casa. O Pedro informou a sua irmã como conseguiu o dinheiro e a apelou para nunca matar um rato naquela casa. - Se encontrares um rato a comer a tua roupa ou qualquer coisa, não deves matá-lo. Disse o Pedro à sua irmã. Aconselhou-a para não contar a ninguém, sob pena de morrerem.